

APRESENTAÇÃO

Os textos que se seguem nos oferecem uma leitura criativa de alguns romances de conhecidos escritores brasileiros, escritos entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Essa leitura se fez inspirada nas discussões travadas em um curso sobre “Família e Política”, realizado em 2003 no PPGAS/Museu Nacional-UFRJ¹, que enfocou as relações constitutivas do universo da família, e as relações destas com a política, no Brasil, a partir da leitura de autores consagrados tais como Gilberto Freyre, Antonio Cândido, Costa Pinto e Emilio Willems, bem como de etnografias mais recentes. Por essa razão, é preciso enfatizar, logo de partida, que a leitura realizada não tem a pretensão de dialogar com os estudos de crítica ou de história da literatura, nem discutir os romances no contexto literário da obra de qualquer dos autores lidos, tarefas para os especialistas nessas áreas. Dada a perspectiva antropológica adotada, e inspirados pelas leituras do mencionado curso, os trabalhos a seguir tratam os escritores como “nativos”, que compartilham de esquemas de apreensão constitutivos do universo social que descrevem em suas obras, e, ao mesmo tempo, como observadores, intérpretes e atores da sociedade em que viviam.

Ainda que fruto de leituras atentas dos textos dos escritores, esses artigos não estão centrados numa análise “textualista” dos romances. Eles buscam, antes, colocar em diálogo esses romances e a reflexão sociológica sobre alguns temas que estão solidamente inscritos na trama narrada e nos dramas de seus protagonistas. O esforço empreendido resulta na identificação e destaque de uma constelação de noções que sustenta “por dentro” tramas, dramas e personagens imaginados pelos autores. Nos romances escolhidos, a “família” é absolutamente fundamental. Pode-se dizer que é com o suporte ativo de um arcabouço relativamente compartilhado de noções associadas à moral familiar que as tramas se desenrolam e que os protagonistas se constituem como tais.

1 Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Assim, ainda que temas como a identidade nacional e regional, a oposição entre campo e cidade, as relações de trabalho, a religiosidade também atravessem e sustentem tramas e personagens, e que isso seja assinalado nos artigos aqui apresentados, o eixo em torno do qual, não gratuitamente, esses trabalhos concentram seus esforços analíticos é a família e todo o léxico moral que lhe é correlato. E esse léxico não é um agregado de termos “soltos”, mas um modo de relacionar termos entre si e com outras “constelações” de termos – referentes a temas como os assinalados anteriormente. Sobre esse léxico e sobre tais relações, os trabalhos a seguir nos dão valiosas pistas de análises.

Não se trata apenas, porém, de identificar um ou alguns conjuntos de termos e o modo pelo qual esses termos estão relacionados entre si, mas também de apontar a maneira pela qual aparecem em uso, na construção dos romancistas, seja ao sustentar a verossimilhança das tramas e dos personagens, seja ao indicar como excepcionais personagens e tramas em relação àquilo que é socialmente esperado e consagrado.

Os trabalhos nos mostram uma “família” que é indissociável da honra, do nome, da afirmação da virtude coletiva; ou seja, uma família cujo efeito pragmático é o posicionamento recíproco dos atores sociais, ponto de partida e de chegada das tramas narradas. Também nos mostram uma família que é pensada e esperada como proteção, ou antes, uma sociedade em que a proteção é um valor e uma necessidade, inseparável da família ou de formas socialmente reconhecidas de familiarização; e em que a proteção da família representa também uma forma de privilégio socialmente reconhecido e valorizado. Mostram-nos, igualmente, a complexidade das obrigações, da solidariedade e, em grau semelhante, das rupturas e conflitos, dentro da rede familiar. Rede esta onde há lugar para pais e filhos, maridos e mulheres, irmãos e cunhados, compadres e agregados, com determinadas expectativas em relação a cada lugar desses, mas tam-

bém com a permanente possibilidade de rupturas e inversões. Mostram, ainda, a diversidade daquilo que se chama “família”, apontando para modelos e práticas conformando um campo considerável de variações e não para a vigência de um modelo único, “patriarcal”, de família, ao lado de versões empobrecidas ou desorganizadas desse modelo, como sustentaram em certo momento diversas análises sociológicas sobre o tema.

A família, com as características que as análises a seguir nos mostram, não é algo que possa ser classificado simplesmente como conformando a “vida privada”. Nos romances, as questões “privadas”, referentes às relações internas à família, aos casamentos, à moral sexual, à generosidade pessoal, ao amparo, à casa são constitutivas, sem descontinuidade, das relações sociais nas mais diferentes esferas “extra-domésticas”: no trabalho, na política, na configuração territorial, nos conflitos armados, na percepção das identidades sociais mais amplas, na visão de mundo.

Em sua análise de *O Tronco do Ipê*, Fernanda Piccollo mostra, por exemplo, como o universo social centrado na casa-grande de uma fazenda cafeeira do Vale do Paraíba fluminense é indissociável da corte – sugerindo que, conseqüentemente, a vida da corte não poderia ser concebida dissociada do cotidiano “privado” das fazendas e das redes familiares aí localizadas. A divisão de trabalho entre a produção das alianças matrimoniais, predominantemente a cargo das mulheres, e as alianças políticas, predominantemente a cargo dos homens, não implica a conformação de esferas estanques – a casa da fazenda aparece como centro de redes interdependentes de alianças com dimensões tanto de parentesco como políticas e econômicas, bem como um universo de formação de estilos de vida e formas de sociabilidade que atravessam a sociedade, bem como um lugar de reprodução dos valores que a regulam – fidelidade, honra, amizade, generosidade. Mas todos esses valores aparecem ameaçados, a cada momento, por intrigas vinculadas à busca de riqueza e influência. Já no romance *Luzia Homem*, tal como abordado por Nilson Freitas, o encontro entre sertanejos desterrados pela seca de fins do século XIX e a cidade (Sobral-Ce) coloca dramaticamente em evidência os desencontros entre os valores da honradez e da virtude e o universo urbano,

apresentado como lugar dos interesses e da prepotência dos poderosos. O desterro dos sertanejos de seu lugar – visto como *locus* de valores essenciais da sociedade, realizados nos laços de solidariedade familiar – é também um permanente risco à sua honra, que precisa ser defendida na situação de liminaridade ali produzida. Luzia acaba, paradoxalmente, encarnando em alto grau esses valores, associados a princípio à masculinidade. Isso, em alguma medida, também é tratado, por outras vias, no romance *Memorial de Maria Moura*, analisado por Andréa Lacombe. Nesse caso, o desterro e a ausência de lugar (físico e social) é ocasionado por uma intriga familiar, que faz com que um segmento da família seja exilado do lugar que lhe caberia, a casa onde poderia estabelecer-se como família reconhecida pela sociedade. Também nesse caso, é paradoxalmente uma mulher que vai assumir o papel concebido usualmente, naquela sociedade, como masculino, e lançar-se em defesa da honra e do lugar da família, trazendo para junto de sua proteção e autoridade os homens em armas, que a analista aproxima do “clã feudal” de Oliveira Vianna. O romance de José Américo de Almeida, *A bagaceira*, por sua vez, tal como analisado por Simone Silva, também fala de deslocamento e ameaças à honra, encarnada na família. Nesse caso, trata-se dos sertanejos que vão para a região do Brejo paraibano. Nesse movimento, colocam em risco os valores cultivados quando estão em seu lugar próprio, o sertão, não podendo senão defender ardorosamente tais valores no novo lugar, sob pena de dissolução social e pessoal. É em torno dessa tensão, que ameaça a coesão e a solidariedade da família, que os sertanejos buscam formas de recomposição desse universo de valores e relações e afirmam sua identidade diante dos “outros”. O confronto com os brejeiros delimita uma situação em que acionar a identidade sertaneja era necessário, e essa identidade estava intimamente entretecida com a linguagem e os valores da família. No caso do texto de Maria Elvira Benitez, a autora busca no romance *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rêgo, pistas para refletir sobre a conformação da família negra e suas transformações no pós-abolição. Ainda que o romance tenha como foco a situação do operariado urbano, a partir do personagem Ricardo, toda a descrição está atravessada pelas relações familiares. A autora percebe, no livro,

a distância entre os ideais patriarcais de família e as práticas familiares populares em Recife. Mais do que isso, porém, percebe o dinâmico campo de variações de modelos e práticas familiares, constitutivo daquela sociedade; e a posição ambígua, e por isso mesmo dramática, do protagonista (mas não só dele) em meio a essas variações. A autora também ressalta as pistas trazidas por Lins do Rêgo sobre as relações de gênero tal como se apresentam, diversificadas, como parte da gama de práticas e modelos familiares em jogo na situação descrita; sobre as relações entre distinções raciais, gênero e família; e aponta, ainda, as indicações contidas no livro sobre a complexidade das relações entre família e mobilização operária.

Com sensibilidade, as autoras e o autor dos artigos que se seguem souberam efetivamente produzir reflexão antropológica a partir da leitura de alguns romances consagrados. Sem confundir os romances com etnografias ou estudos sociológicos, conseguiram encontrar neles as noções que permitiram, internamente, a construção da trama, e na relação com os leitores, o efeito dramático – noções que ao mesmo tempo aproximavam a reflexão sociológica sobre a família e o campo literário. Tais noções, não por acaso captadas e elaboradas literariamente pelos romancistas, eram certamente focos centrais de articulação de sentido (e de disputas cotidianas por atribuição de sentido) na sociedade em que viviam tais escritores. O fato de poderem ser reelaboradas em diálogo com as discussões sociológicas e antropológicas contemporâneas aos escritores, e também mais recentes, sugere o quanto essas noções apontam para questões centrais e duradouras, concernentes às maneiras pelas quais se fazem e se pensam as relações sociais. Os resultados apresentados pelos textos que se seguem nos ajudam a perceber a complexidade da relação entre família e sociedade no Brasil, e da própria noção de família. Mais do que simplesmente um grupo de indivíduos ou uma unidade bem delimitada e estatisticamente quantificável, a família surge como uma categoria que dá sentido (porém, de maneira bem variável) a práticas de conflito e de solidariedade (igualmente variáveis).

A diversidade de contextos descritos nos livros, ao ser posta em conjunto pelas análises em torno do eixo “família”, sugere uma relação entre, por um lado,

o modo pelo qual a noção “família” é usada e a unidade social “família” opera; e, por outro lado, aquilo que em cada contexto está em jogo: as distinções e a tensão entre brejeiros e sertanejos, entre pobres/pretos e brancos/ricos e entre operários e patrões; a competição econômica e política entre segmentos da elite escravocrata fluminense, disputas territoriais armadas no sertão, a dominação pela cidade da população rural em situação crítica, o peso político dos fazendeiros de café na corte, e, para não deixar de fora um par marcante no pensamento social brasileiro, a relação ambígua entre a casa grande e a senzala. Mais do que isso, porém, o conjunto das leituras aqui apresentadas parece sugerir que a noção de família é fundamental para a própria delimitação de sentido que constitui o “contexto” no qual aquilo que está em jogo pode ser jogado, do ponto de vista dos “jogadores”. Distinções e tensões sociais amplas, diversas, e, numa primeira visada, independentes da vida familiar, funcionam atravessadas por valores e relações familiares, o que certamente tem implicações também para o modo pelo qual se pensam tais valores e relações. Os artigos que se seguem são alguns exemplos da sensibilidade que é necessário ir cultivando para chegar a percepções complexas, interessantes e conceitualmente produtivas sobre a relação entre família e sociedade no Brasil.

John Comerford
Moacir Palmeira